Dia 21 — São Mateus, Apóstolo e Evangelista

Martirológio Romano

O martírio de São Mateus, apóstolo e evangelista; o qual, havendo pregado o Evangelho na Etiópia, morreu mártir. Seu Evangelho, escrito em hebraico, por revelação sua foi achado juntamente com o corpo de São Barnabé, apóstolo, imperando Zenão. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

O santo profeta Jonas, em terra de Saar, que foi sepultado em Gat. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

São Panfílio, mártir, em Roma.

O martírio de São Alexandre, bispo, na via Cláudia, a vinte milhas de Roma; o qual, imperando Antonino, sofreu constantemente pela fé de Jesus Cristo cárceres, pauladas, tormento do cavalete, tochas ardentes, o ser despedaçado com garfos de ferro, o ser lançado às feras e a um forno aceso, até que por último, sendo degolado, alcançou a vida eterna. Seu corpo o trasladou depois a Roma São Dâmaso, papa, no dia 26 de novembro, no qual dispôs que se celebrasse sua festa.

São Eusébio, mártir, na Fenícia, o qual, apresentando-se voluntariamente ao prefeito e confessando que era cristão, por ordem deste ministro, depois de padecer muitos tormentos, foi degolado.

São Isácio, bispo e mártir, em Chipre.

São Melécio, bispo e confessor, na mesma ilha.

Santa Efigênia (ou Ifigênia), virgem, na Etiópia; a qual, batizada pelo apóstolo São Mateus, consagrou-se a Deus e morreu santamente. (Veja-se a vida do apóstolo São Mateus.)

São Mateus, Apóstolo e Evangelista

Queria-nos persuadir o Salvador do mundo que havia vindo a ele singularmente para salvar os pecadores e que não havia no mundo estado ou condição alguma tão distante do caminho da salvação em que não se pudesse esperar ter parte em suas misericórdias. Por isso se dignou escolher por um de seus Apóstolos um homem que parecia o mais indigno de tão grande favor.

Este foi São Mateus, galileu de nação, judeu de religião; mas de uma profissão odiosa a toda a nação hebreia, porque era publicano; isto é, arrecadador ou administrador dos impostos e tributos que os romanos impunham a todas as províncias sujeitas a sua dominação. Nascia este ódio ou esta particular aversão dos judeus aos publicanos ou administradores de estarem persuadidos de que, como israelitas e povo escolhido de Deus, estavam isentos de pagar tributo nem contribuição às nações estrangeiras. Tinha Mateus outro nome, pelo qual era menos conhecido: chamava-se Levi, filho de Alfeu, e com este nome o apelidam comumente os outros Evangelistas, por ter menos conexão com seu odioso emprego de publicano ou de arrecadador; mas ele em seu Evangelho não anda com estes reparos nem dissimula seu nome ordinário e o de seu ministério, chamando-se sempre Mateus, pelo qual era unicamente conhecido em toda a Judeia como publicano. Os judeus tinham os deste ofício por pecadores públicos e de profissão; por homens sem religião e sem consciência, que tiranizavam todo o gênero humano. Este era o emprego de nosso Santo antes que o Filho de Deus o chamasse, mandando-lhe que o seguisse. Era Cafarnaum a cidade de maior comércio que havia no país sobre a costa do mar de Tiberíades, e por isso a escolheu nosso publicano para residir nela. Tinha sua repartição fora da cidade, num lugar imediato ao mar da Galileia; e, como Jesus Cristo estivesse pregando naquela província havia mais de um ano, passando em certa ocasião muito perto da repartição de Mateus, deteve-se, olhou-o fixamente na face e lhe disse que deixasse tudo e o seguisse. Em nenhuma ocasião se mostrou mais poderosa a graça do Salvador. Qualquer outro que não fosse o Filho de Deus teria necessidade de muitas e muito fortes razões para persuadir um homem cobiçoso dos bens da terra e de tão pouca religião a que abandonasse um emprego tão conforme a seu amor-próprio e que tanto acomodava a sua interessada inclinação. Não obstante, logo que Jesus Cristo o olhou e logo que lhe disse «Segue-me», moveu-lhe tão poderosamente o coração que nem um só momento deliberou, nem em deixar tudo nem em segui-lo. No mesmo ponto levantou-se Mateus de sua mesa e declarou-se abertamente por discípulo de Cristo. Para tornar mais pública sua resolução e para que ninguém duvidasse do amor que lhe professava, convidou-o a um grande banquete, em que não perdoou a meio algum para manifestar-lhe sua perfeita adesão e seu profundo reconhecimento.

Era grande o número dos convidados, composto na maior parte de publicanos e de outra gente livre e desacreditada, que o Salvador gostava de admitir junto a si para ter ocasião de corrigi-los e movê-los à dor e à penitência. Esta benignidade do Senhor e, sobretudo, a benevolência particular com que tratava a Mateus desagradou muito aos Escribas e Fariseus, que, não fazendo diferença entre o pecado e o pecador, aborreciam tanto a um como a outro. Começaram a murmurar descobertamente do Salvador porque comia com os pecadores; mas a resposta que deu a estas

inconsideradas queixas devia fechar-lhes a boca para sempre. Disse-lhes que não tinham razão para censurá-lo porque favorecia os pecadores; pois seu proceder neste particular se conformava com o verdadeiro sentido do que Deus havia dito pelo profeta Oseias, de que lhe agradava mais a caridade compassiva das misérias do próximo e o caritativo cuidado de livrá-lo delas que todos os sacrifícios do mundo: que, se a assistência do médico não era necessária aos sãos, mas aos enfermos, não devia parecer estranho que ele socorresse particularmente aqueles cujas almas estavam em maior perigo de perecer: e, enfim, que, ainda que havia vindo ao mundo para salvar geralmente todos os homens, tanto pecadores como justos, sua principal intenção era trabalhar na conversão dos pecadores para reduzi-los suavemente ao cumprimento de sua obrigação, inspirando-lhes o horror ao vício e o amor à virtude. Cativou a Mateus este discurso, e a particular conversação que com ele teve o Salvador ganhou-lhe tão de todo o coração que se declarou por discípulo de Jesus Cristo e, sem querer sequer voltar a seu telônio ou repartição, foi desde então companheiro inseparável de um mestre tão bom e tão compassivo em todas as suas sagradas excursões.

Fez grande ruído uma conversão tão milagrosa como não esperada. Conheceram todos que a palavra de Deus tinha uma divina virtude, capaz por si só de mudar prontamente os corações; e a mesma perseverança de Mateus teve-se por um dos maiores milagres desta divina palavra. Não voltou a apartar-se do lado do Salvador este querido discípulo: acompanhou-o a todas as cidades, povos e lugares aonde foi anunciar o reino dos céus, tão longe de envergonhar-se por havê-lo abandonado tudo, fazendo-se pobre por seu amor, que seu maior gosto era deixar-se ver naquele estado humilde, mortificado e abatido na mesma cidade de Cafarnaum, onde poucos dias antes havia feito tão diferente e tão brilhante figura. Como o ardente amor e a apaixonada adesão que professava a seu divino Mestre não lhe permitiam separar-se um instante de seu lado, nenhum dos discípulos do Filho de Deus foi nem ouvinte mais contínuo de todos os seus sermões nem testemunha mais ocular de todas as suas maravilhas.

Pouco depois que São Mateus se agregou ao número dos discípulos que seguiam a Jesus Cristo, fez-se a eleição dos Apóstolos, a cuja honra e dignidade o elevou a bondade do Salvador. São Marcos e São Lucas o nomeiam o sétimo entre eles; mas São Mateus se conta a si mesmo o oitavo depois de São Tomé e sempre, por humildade e por agradecimento, se nomeia Mateus o Publicano. Desde este tempo até depois da ressurreição do Senhor não achamos no Evangelho particularidade alguma que toque à pessoa deste fiel Apóstolo.

Acabada a grande obra de nossa redenção, o Salvador do mundo quis ficar nele outros quarenta dias em companhia dos Apóstolos para instruí-los em todos os mistérios de nossa Religião. Depois de sua gloriosa ascensão aos céus e a vinda do Espírito Santo, São Mateus pregou a fé com os demais Apóstolos na Judeia, onde se deteve ainda cerca de três anos; e antes de sair a pregá-la a outras nações inspirou-lhe Deus e rogaram-lhe os judeus convertidos que lhes deixasse uma história ou como compêndio de tudo o que havia visto e ouvido nas conversações, conferências e viagens em companhia do Salvador. Talvez também os mesmos Apóstolos lho pedissem, juntando seus rogos às instâncias dos outros fiéis por considerá-lo o sujeito mais hábil para este desempenho. Antes, pois, que os Apóstolos saíssem de Jerusalém e se separassem para pregar em outras províncias, escreveu São Mateus aquele livro divino, a que pôs por título *Evangelho*, que quer dizer boa e alegre nova. Com efeito, não é mais que uma explicação da grande e ditosa nova

que os Anjos anunciaram aos pastores no nascimento do Salvador; nem contém outra coisa que o que o mesmo Jesus Cristo chamou Evangelho, isto é, sua doutrina pura e sua pregação acompanhada de seus milagres, dos quais São Mateus havia sido fiel testemunha. E, para completar uma história regular de sua vida, o Evangelista acrescentou o que havia ouvido da santíssima Virgem tocante a seu nascimento, com tudo o que depois sucedeu até seu batismo. Inspirado São Mateus do Espírito Santo (diz Santo Agostinho), foi seu principal intento neste Evangelho referir-nos a vida humana que Jesus Cristo fez entre os homens; assim como São João parece que só tirou a manifestar-nos a divindade do Filho de Deus. Por isso o Evangelho de São Mateus parece o mais próprio para o comum dos fiéis, porque se conduziu a historiar aquelas ações e aquelas instruções em que Jesus Cristo, por assim dizer, temperou sua infinita sabedoria e sua divina majestade para fazer-nos mais imitável e mais proporcionado a nossa fraqueza o exemplo de sua vida, aplicando-se singularmente ao que toca aos costumes. O primeiro que escreveu o Evangelho foi São Mateus; e, como o compôs particularmente para os judeus convertidos, a cuja instância o havia trabalhado, fê-lo em sua língua hebreia; isto é, numa língua mesclada da síria e caldeia, que era então a vulgar dos judeus que viviam na Palestina.

Logo que este Evangelho chegou às mãos dos judeus, tiraram-se muitas cópias; e alguns Apóstolos quiseram levar consigo um exemplar ao separar-se para partir cada um a sua missão. Desde então mesmo foi também traduzido em grego para o uso dos fiéis que estavam nas províncias e não sabiam outra língua, sendo tão autorizada esta versão como o mesmo original.

Quando se descobriu o corpo de São Barnabé na ilha de Chipre pelos anos de 488, achou-se sobre seu peito o Evangelho de São Mateus, que o mesmo São Barnabé havia copiado de sua própria mão. Estava escrito em madeira de cipreste, que então era muito rara; e o imperador Zenão, que reinava naquele tempo, quis tê-lo: beijou-o com respeito, enriqueceu-o e guarneceu-o de ouro, mandando guardá-lo em seus arquivos. Refere Eusébio que, quando São Panteno foi pregar na Índia, encontrou nela o Evangelho de São Mateus escrito em caracteres hebraicos, que São Bartolomeu havia deixado aos indianos; e acrescenta São Jerônimo que São Panteno trouxe este exemplar à cidade de Alexandria. Crê-se que o original do Evangelho de São Mateus, escrito em hebraico, foi conservado pelos cristãos da nação judia que estavam em Jerusalém e que o levaram consigo a Pela, aonde se retiraram antes que se pusesse o cerco àquela cidade. A maior parte dos judeus convertidos reteve muitas coisas do judaísmo e formou a seita chamada dos Nazarenos, que com o tempo degenerou na dos Ebionitas. Guardaram os Nazarenos o original do Evangelho de São Mateus; mas acrescentaram muitas histórias apócrifas, pelo que se desestimou aquele texto original e só se conservou a versão grega, que nunca sofreu alteração.

Não se sabe com certeza a que país foi São Mateus pregar a fé de Jesus Cristo depois que saiu da Judeia. Alguns são de opinião que foi à Pérsia e que pregou especialmente aos partos, aos medos e aos de Carmânia; mas a opinião mais comum é que evangelizou na Etiópia. O que não admite dúvida, segundo São Clemente de Alexandria, que floresceu não muito distante dos tempos apostólicos, é que fazia uma vida muito penitente. Mantinha-se de raízes, alfaces e legumes, negando-se para sempre ao uso de toda carne e de todo peixe. Diz-se que, havendo chegado nosso Santo à cidade de Nadabar, na Etiópia, foi recebido nela com muito gozo por aquele eunuco da rainha Candace que São Filipe havia batizado e que, encontrando na mesma cidade dois famosos magos, chamados Zaroés e Arfaxat, os quais tinham enganados com seus prestígios

aqueles pobres idólatras, causando-lhes enfermidades aparentes que curavam depois com seus encantamentos, adquirindo muita reputação com estes milagres postiços, São Mateus descobriu ao povo os sortilégios daqueles embusteiros; e estes, para vingar-se do Santo, com sua arte mágica fizeram vir dois espantosos dragões que encheram de terror toda a cidade; mas São Mateus, fazendo sobre eles o sinal da cruz, amansou-os como se fossem dois cordeiros e os enviou depois a suas cavernas; com cujo milagre se tranquilizaram os habitantes e formaram um alto conceito da religião cristã.

Mas acabaram de converter-se com outro milagre mais considerável. Havendo morrido uma das filhas do Rei, chamada Egipa, chamou logo o Príncipe os dois magos para que a ressuscitassem. Valeram-se de todos os segredos de sua arte; mas muito inutilmente: os demônios, a quem invocavam sem cessar, não tinham poder para restituí-la à vida. Foi chamado São Mateus e, logo que invocou o nome de Jesus Cristo, começou a mover-se o cadáver e a Infanta se pôs em pé, viva e sã. À vista de tão estupendo prodígio converteu-se o Rei com toda a sua família real; e a esta conversão seguiu-se a de toda a corte e a de quase todo o povo. O que mais consolou o santo Apóstolo foi a resolução da princesa Ifigênia, filha primogênita do Rei, que consagrou a Deus sua virgindade em resultado de um sermão que ouviu a São Mateus sobre a excelência das virgens. Imitaram o exemplo da Princesa outras muitas donzelas; e muito em breve se viu uma comunidade de esposas de Jesus Cristo no coração de uma cidade que havia sido até então o centro da idolatria. Mas esta maravilha custou a vida a nosso Santo. Morto o Rei, apoderou-se do reino seu irmão Hirtaco, o qual, para assegurar a coroa, creu ser preciso casar-se com sua sobrinha Ifigênia, legítima herdeira dela. Era a Princesa uma das mais formosas damas de seu tempo e, como havia feito voto de não admitir jamais outro esposo que a Jesus Cristo, ouviu com horror a proposição de seu tio. Irritou-se mais a paixão do usurpador com a resistência de Ifigênia; e, parecendo-lhe que ninguém podia mais com a Princesa que o santo Apóstolo, mandou chamá-lo e quis que em sua mesma presença persuadisse a Princesa a que consentisse naquele matrimônio; mas o santo Apóstolo a confirmou em seu primeiro propósito. Irritado Hirtaco, retirou-se a seu quarto, mandando que ao ponto tirassem a vida a nosso Santo. Os soldados a quem deu a ordem o encontraram no altar acabando de celebrar o divino sacrifício, e no mesmo altar foi consagrada a seu Deus aquela preciosa vítima, coroando a golpes de machado seu glorioso martírio. São Hipólito chama São Mateus hóstia e vítima da virgindade e protetor das virgens. Havia vinte e três anos que São Mateus pregava a fé de Jesus Cristo na Etiópia, onde havia convertido um prodigioso número de idólatras e fundado muitas igrejas.

Nas Constituições que se atribuem a São Clemente lê-se que São Mateus foi o que introduziu entre os fiéis o uso da água benta; mas é provável que o mesmo fizeram os demais Apóstolos nos países onde pregaram. O corpo do santo Apóstolo conservou-se largo tempo na cidade de Nadabar, onde padeceu martírio, até o ano de 1080, em que foi trasladado a Salerno, no reino de Nápoles, de onde sua santa cabeça foi levada à França e se conserva com grande veneração na catedral de Beauvais. Também se adoram algumas relíquias suas na de Chartres.

São Jonas, Profeta

Jonas, cujo nome se interpreta *pomba*, nasceu em Gat, povo de Ofer, da tribo de Zabulon. Seu pai se chamou Amati. Santo Epifânio diz que foi o menino a quem o profeta Elias ressuscitou, filho da viúva de Sarepta, hospedeira sua. Esta opinião tem suas dificuldades, e por isso há quem diga que houve dois Jonas, como houve dois Miqueias. Como quer que seja, Jonas era tido entre os hebreus por profeta e pregador. Jonas pregou muitos anos a penitência aos israelitas; mas foram inúteis suas patéticas exortações, até que, enojado Deus, mandou-lhe ir pregá-la a Nínive, cidade pagã e capital do grande império dos assírios, para anunciar-lhe que Deus ia destruí-la. Considerando Jonas o perigoso de sua missão, em lugar de obedecer ao mandato de Deus embarcou-se em Jope para fugir a Társis, na Cilícia, país muito distante daquele aonde o céu o enviava. De improviso levantou-se uma tempestade horrível, e já estava a nau a ponto de naufragar quando os marinheiros, suspeitando que padeciam aquele dano por ir entre eles alguém que merecia grave castigo, lançaram sortes, e a sorte caiu em Jonas, o qual declarou então que verdadeiramente por culpa sua se havia movido aquela tempestade e que o único meio de aplacá-la era arrojá-lo a ele às ondas embravecidas. Seguiu-se seu conselho e ao instante depôs o mar suas iras. Deus fez aparecer naquele instante uma enorme baleia ou monstro marinho, que recebeu o Profeta em sua boca e o aposentou em seu bucho por três dias e três noites, ao cabo dos quais mandou Deus ao peixe que o vomitasse vivo numa praia, como o fez. Segunda vez recebeu Jonas ordem do Senhor para ir pregar a Nínive: obedeceu o Profeta, dizendo: «Dentro de quarenta dias será Nínive destruída»; e a sua voz converteu-se aquele povo idólatra e dissoluto, dando públicas provas de dor e arrependimento desde o Rei até o último vassalo; pelo que usou o Altíssimo de sua antiga misericórdia com aquela cidade convertida de pecadora em penitente. O que visto por Jonas, e que Nínive não se afundava, afligiu-se, temendo passar por falso profeta, e rogou a Deus que o levasse, porque não queria viver afrontado. Saiu da cidade e foi estabelecer-se em lugar apartado dela, esperando ainda o sucesso daquele negócio. Edificou uma choça, e o Senhor, para fazer-lhe ver a injustiça de sua queixa, fez crescer numa só noite um vegetal que a Escritura chama hera e que, segundo a opinião de alguns intérpretes, é a *palma Christi*, a qual fazia boa sombra a Jonas; e no dia seguinte um verme picou a raiz daquela planta, que secou, e Jonas ficou como antes exposto aos ardores do sol. No excesso de sua amargura queixou-se o Profeta ao Senhor porque lhe tirava aquele consolo, e disse-lhe então o Senhor: «Tu te does pela hera, em que não trabalhaste nem a fizeste crescer, a que numa noite nasceu e numa noite pereceu: e eu não perdoarei a Nínive, cidade grande, na qual há mais de cento e vinte mil homens que não discernem o que há entre sua direita e sua esquerda, e muitas bestas?»

Jonas voltou a terra de Israel e, sendo de idade avançada, morreu em Saar, em tal dia como hoje, segundo o Martirológio Romano, pelos anos de 761 antes da vinda de Jesus Cristo.

Viveu Jonas quando Jeroboão II reinava em Israel e Ozias ou Azarias em Judá, e é o quinto dos doze Profetas menores.

Seu livro contém quatro capítulos, e tanto os judeus como os Cristãos sempre o veneraram como canônico. Em Tobias parece que se faz alusão a ele no capítulo 14, 6; ainda que pode aludir também a Naum. Na simples e desnuda narração que faz de todos os seus sucessos oculta-se a sublime inteligência da morte e ressurreição do Salvador, como o mesmo Salvador o demonstra. (Mt 12, 40.) À primeira vista mais parece uma história que profecia; mas os Profetas não somente vaticinavam com as palavras, mas também com os fatos.

Nicolau de Lira adverte que, ainda que pela pregação de Jonas se converteram os ninivitas e Deus os perdoou, tornaram depois aos mesmos pecados que antes, pelo que Deus os destruiu e sua cidade foi assolada.

Jonas é entre os Profetas o único enviado aos gentios. Os incrédulos costumam ridicularizar o prodígio de haver estado o Profeta três dias no ventre de uma baleia ou de um monstro marinho: já os gentios faziam outro tanto; mas ao Deus que criou o céu e a terra foi-lhe muito fácil o que aos incrédulos parece tão difícil.

No tempo de São Jerônimo via-se o sepulcro de Jonas na Palestina. A Igreja católica usa de sua profecia nas lições das Matinas do sábado na Dominga quarta de novembro e na Missa da vigília da Páscoa.

Missa (oração)

A missa é em honra do apóstolo e evangelista São Mateus, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Beati apostoli et evangelistæ Matthæi, Domine, precibus adjuvemur: ut quod possibilitas nostra non obtinet, ejus nobis intercessione donetur. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Assisti-nos, Senhor, pelos merecimentos de vosso apóstolo e evangelista São Mateus, para alcançar por sua intercessão as graças que por nós mesmos não podemos conseguir. Por Nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 1 de Ezequiel.

Ezequiel 1,10-14

> **Latim:** [10] Similitudo autem vultus eorum, facies hominis et facies leonis a dextris ipsorum quatuor, facies autem bovis a sinistris ipsorum quatuor, et facies aquilæ desuper ipsorum quatuor. [11] Facies eorum et pennæ eorum extentæ desuper : duæ pennæ singulorum jungebantur, et duæ tegebant corpora eorum. [12] Et unumquodque eorum coram facie sua ambulabat : ubi erat impetus spiritus, illuc gradiebantur, nec revertebantur cum ambularent. [13] Et similitudo

> animalium, aspectus eorum quasi carbonum ignis ardentium, et quasi aspectus lampadarum : hæc erat visio discurrens in medio animalium, splendor ignis, et de igne fulgur egrediens. 14 Et animalia ibant et revertebantur, in similitudinem fulguris coruscantis.

Português: 10 E a semelhança do semblante d'elles era: rosto d'homem, e rosto de leão á direita dos mesmos quatro: e rosto de boi á esquerda dos mesmos quatro, e rosto d'água no alto dos mesmos quatro. 11 Os seus rostos, e as suas azas se estendião ao alto: duas azas de cada huma se ajuntavão, e duas cobrião os córpos d'elles: 12 e cada hum d'elles andava diante da sua face: onde estava o impeto do espírito, para alli caminhavão, nem se voltavão quando hião andando. 13 E a semelhança dos animaes era, que o seu aspecto vinha a ser como hum fogo de brazas ardentes, e como huma apparencia d'alampadas. Esta era a visão que discorria no meio dos animaes, resplandor de fogo, e relâmpago que sahia do fogo. 14 E os animaes hião, e voltavão, á semelhança de relâmpagos coruscantes.

Reflexões

Iam aonde os levava o ímpeto do espírito e não voltavam atrás quando caminhavam. O que põe a mão ao arado e olha para trás (diz o Salvador) não é apto para o reino dos céus. O mesmo parar no caminho da virtude é voltar atrás; e o que retrocede está mais atrasado que quando começou a caminhar. É como um corpo maciço e pesado que, a força de braços, com muita fadiga e suor, sobem a algum lugar eminente; mas, rompendo-se as cordas e as maromas ou soltando-se a polia, sua mesma gravidade o precipita com maior violência. A princípio não baixa com grande ímpeto, e são tardos os primeiros movimentos; mas logo que estes se multiplicam é verdadeiramente espantosa a velocidade; nada o detém, deixa muito atrás o termo de onde partiu e não para até chegar ao precipício. Esta é uma verdadeira, mas terrível imagem dos que, começando a caminhar bem, se cansam, se detêm no caminho da virtude. Não é longa a detenção, porque voltam atrás impetuosamente. Sempre é mais perigosa a recaída que a enfermidade. Até chegar ao precipício não sabe parar o ímpeto da desordem. São poucos os que acertam a ser verdadeiramente devotos a segunda vez. Em cansando-se de viver sempre ao lado do melhor pai de todos; em amando a própria liberdade, logo se deixa o país, e nunca se desvia pouco o que se descaminha com toda a deliberação. Quando o coração está desordenado, cansa e enfastia a vida arranjada: cegam as paixões ao passo que a luz da graça se vai debilitando, e logo se cansa de servir o que não gosta de seu amo. Logo que se começa a voltar atrás, enfada-se um de si mesmo e até faz quanto pode para esquecer-se do que foi. Daqui nascem aquelas pueris ligeirezas, mesmo em pessoas de madura idade: aquele rebento das paixões que se sentem haver domado e contido largo tempo: aquelas lastimosas zombarias da virtude e da Religião, que irritam até os mais dissolutos, causando compaixão aos que têm uma leve tintura de religião e de mediano juízo. Em matéria de costumes toda recaída leva consigo certo caráter de infâmia. Rara vez sucede que o que é ímpio duas vezes não o seja sempre.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 9 de São Mateus.

Mateus 9,9-13

> **Latim:** 9 Et, cum transiret inde Jesus, vidit hominem sedentem in telonio, Matthæum nomine. Et ait illi : Sequere me. Et surgens, secutus est eum. 10 Et factum est, discumbente eo in domo, ecce multi publicani et peccatores venientes, discumbebant cum Jesu, et discipulis ejus. 11 Et videntes pharisæi, dicebant discipulis ejus : Quare cum publicanis et peccatoribus manducat magister vester ? 12 At Jesus audiens, ait : Non est opus valentibus medicus, sed male habentibus. 13 Euntes autem discite quid est : Misericordiam volo, et non sacrificium. Non enim veni vocare justos, sed peccatores.

Português: 9 E passando Jesus d'alli, vio hum homem, que estava sentado no telonio, chamado Mattheus; e lhe disse: Segue-me. E levantando-se elle, o seguiu. 10 E aconteceu que estando Jesus sentado á mesa n'huma casa, eis-que vindo muitos publicanos, e peccadores, se sentaráo a comer com elle, e com os seus discípulos. 11 E vendo isto os Fariseos, dizião aos seus discípulos: Porque come o vosso Mestre com os publicanos, e peccadores? 12 Mas ouvindo-os Jesus, disse: Os sãos não tem necessidade de médico, mas sim os enfermos. 13 Ide pois, e aprendei o que quer dizer: Misericordia quero, e não sacrificio. Por quanto eu não vim a chamar os justos, mas os peccadores.

Meditação

Sobre a fidelidade à graça da vocação

Primeiro ponto

Considera quão pouco se conhece quanto vale a graça da vocação, quando há tantos homens que são infiéis a esta preciosa graça. Não obstante, daqui depende em certa maneira toda a economia de nossa salvação. Todos os estados, todas as condições são muito a propósito para consegui-la: a nenhum chama Deus para condição ou para estado particular que não lhe proporcione os auxílios e meios necessários naquele estado para chegar ao termo de sua eterna felicidade. Havendo distribuído Deus todos os estados e condições do mundo desde a eternidade, destinou cada um dos mortais para que ocupasse neles seu lugar. Nada sucede no mundo por casualidade: tudo se dispõe nele segundo a ordem de sua infinita sabedoria e de sua divina Providência. É, pois, a graça da vocação aquele destino ou aquela eleição que faz Deus de cada um de nós para cada estado e

aquela série de graças e de auxílios que nos prepara nele. Com este mesmo fim nos distribui os talentos proporcionados sempre para consegui-lo. Conhece muito bem nosso fundo, nosso temperamento, nosso natural, nossas paixões e os perigos do estado a que nos destina. É evidente que um homem que vive no mundo necessita de outros auxílios naturais e sobrenaturais que o que vive numa religião; e até nestas, segundo sua variedade, são necessários também diversos auxílios, graças e talentos. Pela mesma razão as distintas condições que há dentro do mesmo mundo pedem distintos meios e auxílios. Tudo o tem arranjado a divina Providência. Pois quanto importará conservar esta graça da vocação! E com que fidelidade se deve corresponder a esta graça! Se se chega a faltar a ela; se se abraça um estado a que não nos chama Deus; se se padece a desgraça de viver com desgosto neste estado; se se cai na tentação de abandoná-lo, que cadeia de desditas não acompanha o desconcerto desta ordem, que tinha como enlaçado a divina Providência!

Segundo ponto

Considera as funestas consequências deste desconcerto. Havendo nascido com o natural, com os talentos, com as inclinações proporcionadas ao estado a que Deus te tinha destinado, lograrás a mesma facilidade, os mesmos meios nessa outra condição a que não te chamava a divina Providência? Que direito terás para esperar da bondade do Senhor essas graças num estado que escolheste por tua própria eleição? Um membro deslocado não é maravilha que cause vivas dores não estando em seu lugar. A obra que não está no sítio que lhe corresponde, precisamente há de parecer inútil. Nenhuma coisa solicita com maior empenho o tentador que alucinar na eleição de estado, sabendo muito bem que é quase segura a reprovação quando se desacerta na vocação. Em tudo há maus passos, em tudo laços, em tudo escolhos e em tudo precipícios. Quem caminhará com segurança faltando-lhe a luz e os auxílios que Deus não está obrigado a conceder-lhe? Não te teriam faltado estes se estivesses naquele estado a que te destinava o mesmo Deus; mas voluntariamente quiseste ir-te a um país estrangeiro, pois não há que estranhar que te suceda o que ao filho pródigo. Não obstante, este teve a fortuna de voltar à casa de seu pai. Mas há muitos que voltem a entrar no estado que uma vez covardemente abandonaram? E há muitos que, permanecendo no descaminho que escolheram, resistam às terríveis tentações que são tão frequentes nele? Se o clima, o ar e o país em que nasceste é contrário a tua saúde, passá-lo-ás bem nele? Gozarás nele de uma saúde muito robusta? Aquelas pessoas que sem legítima vocação se empenham em algum estado; aquelas que abandonam o estado a que Deus as havia chamado; as que, por assim dizer, saem de seus ares naturais, que esperança podem ter de lograr ditoso fim? Não há razão sólida que possa desculpar diante de Deus esta espécie de apostasia espiritual. Nem a falta de saúde, nem a de devoção, nem a de engenho, nem a de talentos: todas são razões frívolas. Pois quê, abraça-se o estado religioso para luzir nele, para granjear-se estima e para ocupar os primeiros postos? Uma saúde débil e quebrantada ameaça ruína; promete curta vida: embora; mas que melhor razão para viver num estado em que à hora da morte todos quereriam morrer? Meu Deus, e que cruel dor, que amargo arrependimento se sente naquela hora quando não se foi fiel à graça da vocação, quando voluntariamente se descaminhou a alma! Mas, e que desesperação é não conhecer este descaminho senão quando já não há tempo de remediá-lo!

Livrai-me, Senhor, desta desgraça. Não permitais que me desvie jamais do caminho que me mostrastes; e fazei que viva e morra santamente naquele estado a que me quisestes chamar.

Jaculatórias

Bem-aventurados aqueles que temem ao Senhor e andam pelos caminhos em que o mesmo os pôs. (Sl 127.)

Mostrai-me, Senhor, o caminho que devo seguir para chegar a Vós. (Sl 142.)

Propósitos

1. Bem se pode dizer que a predestinação tem grande conexão com o estado a que Deus nos chama. Aquela série de graças, aquela admirável economia da divina Providência em ordem a nossa eterna bem-aventurança faz uma admirável consonância com nossa vocação. Devemos, pois, abraçar aquele estado de vida a que Deus nos destinou. Seguir outro rumo é arrojar-se a evidente perigo de perder-se. Há de eleger-se estado; mas que reflexões, quanta consideração, quantas orações são mister para não errar na eleição! É certo que se costumam tomar todas estas precauções quando se trata de abraçar o estado religioso, sem embargo de ser o mais santo e o que facilita mais a salvação; mas tomam-se as mesmas quando se fala de embarcar-se no mundo? E com tudo isso, todos convêm em que o mundo é um mar famoso pelos naufrágios, onde tudo é perigo, tudo escolhos. Determina um jovem retirar-se à segurança de um claustro religioso: bom Deus, quantos estorvos tem que vencer de seus pais, de seus amigos e até das pessoas indiferentes! Todos se interessam, todos se empenham em dissuadi-lo. Quanto tempo querem que tome para pensá-lo bem! Com que eloquência lhe pintam as dificuldades, o rigor, as obrigações de um estado tão santo! Mas faz-se o mesmo quando se trata de contrair algum empenho com o mundo? Então ninguém se detém a perguntar se se pensou bem. Desazonar-se-iam os parentes e os amigos só com saber que se queria tomar tempo para deliberar um partido tão perigoso. Compreende agora a irregularidade e a injustiça desta conduta. Se hás de tomar estado, pensa-o antes com muita seriedade; sobretudo, se te sentes inclinado a ficar no mundo e também no estado eclesiástico, em que não são menores os perigos para muitos.

2. Mas já te achas num estado fixo e determinado depois de havê-lo pensado bem, de havê-lo consultado com o Senhor e de haver tomado todos os conselhos e precauções necessárias. Pois não penses mais que em santificar-te nele e em cumprir todas as suas obrigações como verdadeiro cristão. Tem por tentações todas as dúvidas que te sugere o demônio: persuade-te de que estás no estado em que Deus quer que estejas. Despreza todas as dúvidas, todas as inquietudes, que por comum são artifícios do inimigo de tua salvação para estorvar-te o cumprimento de tuas obrigações, turbando-te a tranquilidade, sobretudo se te achas ligado ao estado com alguns votos. Estuda cada dia tuas obrigações e cumpre-as exatamente. Depois de estar ligado a um gênero de vida, já não é tempo de examinar se Deus te chamava a ela: estas reflexões sempre se hão de fazer antes da eleição de estado.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:52:48 by Admin
Updated 20 November 2026 20:52:48 by Admin